

Apresentar o número 9 da Revista Escrita, feita pelos alunos de Pós-Graduação em Letras da PUC-Rio significa, para mim, lembrar o momento inaugural dessa empreitada, sublinhando a alegria das possibilidades de permanência e de transformação de um mesmo projeto.

Ainda como estudante do Mestrado em (na época Literatura Brasileira) da PUC-Rio pude participar do projeto inaugural de realização dessa Revista dos Alunos de Pós-Graduação do Programa. Os encontros, as discussões, a feitura da capa, a formulação de um nome, tudo isso, já indicava o desejo de, por um lado, criar um destino coletivo para as produções e as inquietações que na maior parte das vezes vivemos solitariamente no percurso do mestrado e do doutorado acadêmico. Por outro lado, o nome mesmo da Revista, buscava atentar para a materialidade desse projeto, reunindo sob o signo da *Escrita* não apenas um conjunto múltiplo de textos, mas ainda, o questionamento profundo dessa categoria. O texto que queria sair de si, tal como os quadros saíram de seus enquadres na década de sessenta, esboçava a indagação sobre o nosso próprio fôlego de produzir idéias não somente abstratas, mas também idéias que reunissem corpos e vozes distintas e dispostas a testarem os seus próprios limites. Os limites (e os desafios) da *Escrita* se multiplicaram, estendendo suas fronteiras, tornando-as porosas através dos tempos e por isso mesmo é que a *Revista Escrita* hoje já pode se rever e permanecer. É assim que vemos agora mesmo um grupo de alunos interrogando os enquadres teóricos que nos são oferecidos, buscando pensar com a literatura e não sobre a mesma, lançando dúvidas sobre os assentos que nos acomodam, não temendo a junção por vezes errática, e por vezes fatal, entre a atividade crítica e a crise do pensamento.

Ana Paula Kiffer